



EXAME NACIONAL DE ACESSO 2024

PROVA OBJETIVA

PROVA DISCURSIVA

29/10/2023

Este caderno, com dezesseis páginas, contém uma prova objetiva, com vinte questões de múltipla escolha, e uma prova discursiva, com uma questão. Além deste caderno, você está recebendo, também, um Cartão de Respostas e uma Folha de Resposta para desenvolver o tema proposto para a prova discursiva.

Não abra o caderno antes de receber autorização.

INSTRUÇÕES

1. Verifique se seus dados pessoais, bem como a instituição escolhida por você, estão corretos no Cartão de Respostas e na Folha de Resposta da prova discursiva. Se houver erro, notifique o fiscal.
2. Assine o Cartão de Respostas com caneta. Além de sua assinatura, da transcrição da frase e da marcação das respostas, nada mais deve ser escrito ou registrado no cartão, que não pode ser dobrado, amassado, rasurado ou manchado.
3. Ao receber autorização para abrir este caderno, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas. Caso observe qualquer erro, notifique o fiscal.
4. Leia com atenção as questões e escolha a alternativa que melhor responde a cada uma delas. Marque sua resposta cobrindo totalmente o espaço que corresponde à letra a ser assinalada.
5. Não assine nem escreva seu nome na Folha de Resposta da prova discursiva.
6. Use apenas caneta de corpo transparente, azul ou preta, no Cartão de Respostas e na Folha de Resposta.
7. Ao terminar, entregue ao fiscal este caderno, o Cartão de Respostas e a Folha de Resposta.

INFORMAÇÕES GERAIS

O tempo disponível para fazer as provas é de quatro horas. Nada mais poderá ser registrado após esse tempo.

Nas salas de prova, os/as candidatos/as não poderão usar relógio e boné ou similares, nem portar arma de fogo, fumar e utilizar corretores ortográficos e canetas de material não transparente.

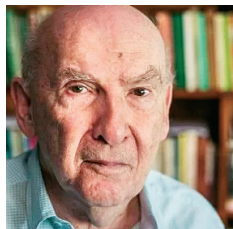
Será eliminado/a do Exame Nacional de Acesso 2024 o/a candidato/a que, durante a prova, utilizar qualquer meio de obtenção de informações, eletrônico ou não.

Será também eliminado/a o/a candidato/a que se ausentar da sala levando consigo qualquer material de prova.

BOA PROVA!

PROVA OBJETIVA

QUESTÃO 01



orbi.band.uol.com.br

ENTREVISTA DE BORIS FAUSTO

O que há de novo é o interesse maior por história e a presença dos historiadores jornalistas. Eles não fazem livros interpretativos, mas contribuíram muito para se fazer uma boa história. Uma história muito bem contada, com seleção de episódios relevantes. Eu penso no Elio Gaspari, no Lira Neto. Acho que tiveram muita importância.

Adaptado de: gazetadopovo.com.br. Acesso em: 30/08/2023.



abc.org.br

ENTREVISTA DE JOSÉ MURILO DE CARVALHO

São dois pontos relacionados. Um, valorizar a escrita, outro, mirar além da academia universitária. Eles se relacionam porque sem o primeiro não se atinge o segundo, mas o inverso não é verdadeiro. Fui ajudado ainda por duas contingências. A primeira foi a vinda para o Rio, seguida de convites para escrever na imprensa. Aí me dei conta de que em jornal a qualidade do texto é fundamental. Ele tem que ser claro, enxuto e, se possível, elegante. Se não, ninguém lê. A segunda foi a aproximação da História. A tradição de escrever bem sempre a acompanhou. Mas, vejam bem, tudo depende do público. É claro que em revistas, ou mesmo em livros mais acadêmicos, pode-se e, às vezes, deve-se usar outro estilo, outra retórica, sob pena de não se ser levado a sério.

Adaptado de: Desigualdade & Diversidade - Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, nº 7, jul/dez, 2010. Acesso em: 17/08/2023.

Em 2023, dois nomes relevantes para a historiografia nacional faleceram: Boris Fausto (1930-2023) e José Murilo de Carvalho (1939-2023).

Nos trechos das entrevistas, os autores se aproximam ao abordar um aspecto fundamental para o trabalho do historiador. Esse aspecto é:

- (A) adoção de métodos científicos.
- (B) domínio de recursos narrativos.
- (C) controle de ferramentas empíricas.
- (D) ampliação de perspectivas teóricas.

QUESTÃO 02



Um dos principais movimentos de revolta contra a Coroa Portuguesa teve, após 29 de abril de 2023, a primeira mulher oficialmente reconhecida entre seus idealizadores.

A fazendeira Hipólita Jacinta Teixeira de Melo entrou para o Panteão dos Inconfidentes, no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (MG).

A participação da fazendeira na Inconfidência Mineira já era conhecida em meio aos historiadores. Com a entrada no Panteão, porém, Hipólita se junta a outros integrantes do movimento já homenageados no local.

Adaptado de: folha.uol.com.br. Acesso em 30/08/2023.

A iniciativa descrita está baseada em uma determinada perspectiva de escrita da História. Tal perspectiva procura promover a ideia de:

- (A) equidade.
- (B) restituição.
- (C) polarização.
- (D) representatividade.

QUESTÃO 03

O patrimônio cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo. Ele está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus, igrejas e praças. Nos nossos modos de fazer, criar e trabalhar. Nos livros que escrevemos, na poesia que declamamos, nas brincadeiras que fazemos, nos cultos que professamos. Ele faz parte de nosso cotidiano, forma as identidades e determina os valores de uma sociedade. É ele que nos faz ser o que somos.

Adaptado de: portal.iphan.gov.br. Acesso em 07/08/2023.

A definição de patrimônio sugere uma abordagem para o ensino de História que permite:

- (A) responsabilizar os especialistas governamentais.
- (B) reproduzir os conteúdos acadêmicos.
- (C) envolver as comunidades escolares.
- (D) reiterar as tradições nacionais.

QUESTÃO 04

GOOGLE TIRA DO AR JOGO 'SIMULADOR DE ESCRAVIDÃO', QUE PERMITIA CASTIGAR E TORTURAR PESSOAS NEGRAS

Em meio às discussões e à polêmica, o Google mantinha em sua loja de aplicativo um jogo chamado 'Simulador de Escravidão'. No jogo, a proposta é o usuário simular ser um proprietário de escravos. Na dinâmica, é possível escolher duas modalidades: tirana ou libertadora. Na primeira, a proposta do jogo é fazer lucro e impedir fugas e rebeliões. Na segunda, lutar pela liberdade e chegar à abolição. O aplicativo saiu do ar.



Adaptado de: g1.globo.com. Acesso em 17/08/2023.

A existência de jogos eletrônicos apresenta desafios às professoras e aos professores de História. Para superar o desafio apresentado na notícia, é preciso que os docentes de História adotem a seguinte postura:

- (A) estimular a cultura da competição.
- (B) combater a naturalização do racismo.
- (C) garantir a neutralidade da abordagem.
- (D) relativizar a conjuntura do preconceito.

QUESTÃO 05

O conhecimento histórico é sempre mais do que aquilo que se encontra nas fontes. Uma fonte pode existir previamente ao início da investigação ou ser descoberta por ela. Mas ela também pode não existir mais. Assim, o historiador vê-se na necessidade de arriscar proposições. Mas o que impede o historiador de se assegurar da história do presente ou do passado por meio, unicamente, da interpretação de fontes não é apenas sua escassez (ou, no caso da história moderna, o excesso de oferta). Toda fonte ou, mais precisamente, todo vestígio que se transforma em fonte por meio de nossas interrogações nos remete a uma história que é sempre algo mais ou algo menos que o próprio vestígio, e sempre algo diferente dele. Uma história nunca é idêntica à fonte que dela dá testemunho. Se assim fosse, toda fonte que jorra cristalina seria já a própria história que se busca conhecer.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

Com base no texto, a característica principal das fontes para produção do conhecimento histórico é:

- (A) veracidade.
- (B) oficialidade.
- (C) incompletude.
- (D) incontestabilidade.

QUESTÃO 06



lugaresdememoria_ A @folhadespaulo publicou uma matéria sobre a fotografia de uma turista em @auschwitzmemorial. A imagem nos provoca a reflexão sobre como devemos nos comportar em lugares de memória e consciência. O que esses lugares devem nos convocar a pensar sobre o passado, a empatia com as vítimas, a condenação do que ali se passou, a valorização da democracia e dos direitos humanos. Não é a primeira vez que imagens como essas são divulgadas.



lugaresdememoria_ Existem muitos museus do holocausto em todo mundo. No Brasil, o @museuholocausto está situado em Curitiba. Com uma aparência externa que pouco lembra um museu, a iniciativa curitibana em muito se assemelha a outras que já tive a oportunidade de conhecer. É um museu marcado pelo aspecto sensorial. Fechado, escuro, onde em algumas partes da exposição é possível ouvir sons que ambientam o episódio narrado naquele momento, como a Noite dos Cristais. Os museus sobre o holocausto nos levam a refletir sobre o lugar de ditadores, como Hitler, nas exposições. Ausente em termos visuais em quase todas as exposições que tive a oportunidade de conhecer.

Adaptado de: Projeto Lugares de Memória. Disponível em: [instagram.com](https://www.instagram.com). Acesso em: 13/08/2023.

Nas postagens são apresentadas formas pelas quais as novas gerações têm contato com o tema do Holocausto. As reflexões sobre os dois espaços museais destacam a importância de promover no público a seguinte atitude:

- (A) anistia diante de crimes violentos.
- (B) punição diante de práticas genocidas.
- (C) esquecimento diante de regimes autoritários.
- (D) sensibilidade diante de experiências traumáticas.

QUESTÃO 07**EXU INVENTA SEU PRÓPRIO TEMPO**

Com Exu não há começo nem fim porque tudo é processo e, ao se constituir, cada realidade afeta outra parte para além do espaço-tempo. Em termos cíclicos ou solares, o nascente coexiste com o poente por causa da força do *agora*. Isso quer dizer que o acontecimento manifesta-se inaugurando algo novo no presente, mas numa dinâmica de retrospectão (o passado que se modifica) e de prospecção, que se dá no “tornar possível”. Em outras palavras, esse acontecimento não é em si mesmo temporal, isto é, não está num horizonte determinado, mas é temporalizante, funda o tempo, o que implica já trazer consigo o seu poente e o seu nascente.

Adaptado de: SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis: Vozes, 2017.

No texto, o filósofo Muniz Sodré analisa a cosmovisão nagô e sua forma de se relacionar com o tempo por meio da entidade Exu. Para o autor, Exu não se insere num tempo preexistente, mas inventa o tempo no qual se insere, mobilizando o passado e o futuro para executar sua ação no presente.

O texto de Sodré permite ao docente de História abordar percepções sobre o tempo, valorizando perspectivas:

- (A) étnicas e estatais.
- (B) sociais e culturais.
- (C) políticas e doutrinárias.
- (D) econômicas e materiais.

QUESTÃO 08

Conhecendo as nossas histórias, geografias, cosmologias e todos os conhecimentos dos ancestrais no contexto da escola indígena e fora dela, percebi que as dificuldades de viver na aldeia foram impostas pelos colonizadores, tirando a dignidade das pessoas e, por isso, na mentalidade dos meus pais, viver bem era estudar e deixar a aldeia. Percebi, então, que a educação era muito mais do que eu pensava. Assim, a importância de ser professor indígena aumenta. Não se trata apenas de dar aulas para 40 alunos, mas para um povo, que foi historicamente invisibilizado e violentado pela sociedade não indígena colonial.

Adaptado de: dw.com/pt-br. Acesso em: 17/08/2023.

O relato acima é de Eliel Benites, professor indígena de Dourados (MS). Em sua fala, ele estabelece relação entre a memória e outros dois conceitos fundamentais para o ensino de História dos povos originários no Brasil.

Tais conceitos são:

- (A) identidade e resistência.
- (B) passividade e resiliência.
- (C) alteridade e complacência.
- (D) mobilidade e condescendência.

QUESTÃO 09

Como situar, na longa história do livro, da leitura e das relações com a escrita, essa revolução anunciada, de fato já iniciada, que faz passar do livro (ou do objeto escrito) ao texto eletrônico e à leitura em uma tela? É necessário, para responder a essa interrogação, distinguir claramente várias formas de mutações, cujas relações estão ainda por ser estabelecidas. A primeira revolução é técnica: modifica, em meados do século XV, os modos de reprodução dos textos e de produção do livro. Com os caracteres móveis e a prensa para imprimir, a cópia manuscrita não é mais o único recurso disponível para assegurar a multiplicação e a circulação dos textos. A revolução de nosso presente é, evidentemente, mais radical do que a de Gutenberg. Ela não modifica somente a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as formas do suporte que o comunica aos seus leitores.

Adaptado de: CHARTIER, Roger. Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

Uma das características da revolução analisada por Chartier é a passagem de textos impressos para versões eletrônicas, processo que apresenta potencialidades e desafios para o ensino de História.

Uma potencialidade e um desafio são, respectivamente:

- (A) transposição das distâncias físicas e desigualdade digital.
- (B) mercantilização dos saberes acadêmicos e extinção da autoria.
- (C) integração das diferentes culturas e dissolução da nacionalidade.
- (D) elitização dos conhecimentos científicos e vulgarização intelectual.

QUESTÃO 10

ÚNICO MUSEU DE RORAIMA É DEMOLIDO APÓS MAIS DE UMA DÉCADA ABANDONADO

A poeira, destroços, lixo e a placa avisando que naquele espaço funcionava o Museu Integrado de Roraima (MIRR) foi o que sobrou do único espaço onde eram conservadas as relíquias da história roraimense. O prédio, antes localizado no Parque Anauá, zona Leste de Boa Vista, foi demolido pelo governo após 12 anos de abandono.

O pesquisador em visualidades amazônicas e professor doutor em história social, Maurício Zouein, frisa que a demolição do museu simboliza o abandono de Roraima por suas próprias raízes: "Há 11 anos Roraima é o único estado da federação que não tem nenhum museu. Se um museu representa a memória de um lugar, a memória de um povo, há 11 anos Roraima está sem memória".

O governo justifica que a demolição faz parte de um projeto de "modernização Parque Anauá", com um novo espaço para o funcionamento do Museu e a exposição de suas peças. A previsão é que esteja pronto na "terceira fase" da revitalização do Parque, porém, nenhuma data foi divulgada.

Adaptado de: g1.globo.com. Acesso em: 17/08/2023.

Na reportagem, o tratamento dispensado ao museu produz o seguinte efeito diante da memória local:

- (A) alijamento.
- (B) revisionismo.
- (C) apagamento.
- (D) negacionismo.

QUESTÃO 11

TEXTO 1

Lutar e cantar são atividades historicamente constitutivas das mobilizações camponesas, e o Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais não foge ao padrão. Em seus eventos, estão previstos momentos de cantoria, de brincadeiras, de dinâmicas e descontração, seja como forma de integração de grupos, seja como instrumento de conscientização. Mas, além de serem parte da programação, música e poesia surgem muitas vezes espontaneamente, para recompor a memória de um passado de dificuldades, resistência e luta, ou para narrar um cotidiano marcado simultaneamente pelo sofrimento e pela esperança. A música e a poesia são, em certos momentos, as formas adequadas para expressar a intensidade das experiências vividas.

Adaptado de: MENEZES, Renata de Castro. A memória camponesa em música. In: Lutando e Cantando. Música e política dos trabalhadores rurais de Pernambuco. Coleção Documentos Sonoros. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2008.

TEXTO 2

A HISTÓRIA NÃO FALHA

Agora, nós vamos pra luta
A terra que é nossa ocupar
A terra é de quem trabalha
e a história não falha,
nós vamos ganhar

Já chega de tanto sofrer
Já chega de tanto esperar
A luta vai ser tão difícil
Na lei ou na marra
nós vamos ganhar

Quem gosta de nós somos nós
E aqueles que vêm nos ajudar
Por isso confia em quem luta
A história não falha,
nós vamos ganhar

Lutando e cantando. Música e política dos trabalhadores rurais de Pernambuco. Coleção Documentos Sonoros. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2008. Disponível em: youtube.com. Acesso em: 13/08/2023.

O texto 1 e a canção *A história não falha* (texto 2) permitem compreender o papel da música nos movimentos de trabalhadores e trabalhadoras rurais. O uso da canção no ensino de História possibilita valorizar o seguinte aspecto dessas mobilizações camponesas:

- (A) conservadorismo popular.
- (B) cultura compartilhada.
- (C) abordagem folclórica.
- (D) hierarquização social.

QUESTÃO 12

Durante décadas, um bloco monolítico de granito no meio do cemitério da cidade de Chur, na Suíça, foi ignorado por transeuntes. Ninguém parecia saber exatamente o que ele representava. Mas o monumento de pedra de 13 toneladas agora causa polêmica e constrangimento.

"À primeira vista, parece um memorial de guerra", diz a jornalista Stefanie Hablützel, apontando algumas inscrições tênues: "1914—1918: Aqui jazem soldados alemães", em português. A questão é que o monumento só foi construído em 1938.

"Isso foi 20 anos depois que esses homens morreram", calcula Hablützel. "Portanto, ele não foi feito para lamentar esses soldados mortos. Ele foi construído por razões de propaganda, para o regime nazista."

O historiador suíço Martin Bucher diz que, à medida que os nazistas aumentavam seu poder na Alemanha, uma das estratégias de propaganda passou a envolver a adoração de mortos de guerra, como num culto. Nos anos 1930, a Comissão Alemã de Túmulos de Guerra tornou-se parte da máquina de propaganda de Hitler. A tarefa da entidade era criar sinais visíveis do nazismo nos vizinhos da Alemanha, bem como em seu próprio território.



Adaptado de: bbc.com. Acesso em 17/08/2023.

As percepções diante do monumento de Chur foram alteradas ao longo do tempo. Essas alterações nas percepções diante do mesmo monumento são compreendidas a partir dos seguintes conceitos:

- (A) deslocamento e reificação.
- (B) mascaramento e mistificação.
- (C) destombamento e superação.
- (D) esquecimento e resignificação.

QUESTÃO 13

O próprio curso da história recente, marcado pela queda do muro de Berlim em 1989 e pela derrocada do ideal comunista trazido pelo futuro da Revolução, assim como a escalada de múltiplos fundamentalismos, abalaram, de uma maneira brutal e duradoura, nossas relações com o tempo. A ordem do tempo foi posta em questão, tanto no Oriente quanto no Ocidente.

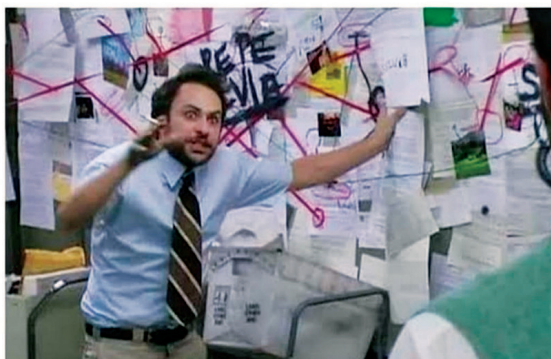
Adaptado de: HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. Coleção história e historiografia.

De acordo com o texto, os acontecimentos históricos e a experiência social do tempo possuem uma relação de:

- (A) sobredeterminação.
- (B) independência.
- (C) articulação.
- (D) linearidade.

QUESTÃO 14

Professor de História em 2050 em uma aula sobre 2020



Calma turma, agora chega a parte em que a galera começa acreditar que a Terra é plana

Disponível em: www.images.app.goo.gl/Hz2RiY9tdbBP1bYv8. Acesso em: 15/08/2023.

Em uma aula de História, a utilização do meme permitiria abordar as seguintes características da contemporaneidade:

- (A) desaceleração temporal e validação da verdade factual.
- (B) reafirmação tradicional e inovação da produção industrial.
- (C) evolução material e relativização do dogmatismo religioso.
- (D) saturação informacional e desqualificação do pensamento científico.

QUESTÃO 15

Os professores ensinam História no tempo presente, a partir de demandas emergentes que estão registradas nas diretrizes e propostas curriculares vigentes, exames vestibulares, avaliações sistêmicas, questionamentos dos alunos, tradições escolares, e que emergem dos debates políticos da sociedade na qual estão inseridos. Produzem o currículo ao articular os vários saberes que eles e seus alunos dominam com referências culturais que circulam no contexto em pauta e os fluxos do conhecimento científico – conteúdos que são mobilizados a partir de sua interpelação.

MONTEIRO, Ana Maria. Aulas de história: questões do/no tempo presente. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 58, out./dez. 2015. Disponível em: scielo.br. Acesso em: 13/08/2023.

A partir das considerações de Ana Maria Monteiro, saberes docentes e conhecimentos acadêmicos devem estabelecer uma relação de:

- (A) diálogo.
- (B) reprodução.
- (C) subordinação.
- (D) distanciamento.

QUESTÃO 16



Lélia Gonzalez. Retirado de: uol.com.br.

Adaptado de: GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n. 92/93 (jan./jun.), 1988.

Partindo de uma perspectiva histórica e cultural, é importante reconhecer que a experiência *amefricana* diferenciou-se daquela dos africanos que permaneceram em seu próprio continente. Ao adotarem a autodesignação de afro/africanoamericanos, nossos irmãos dos Estados Unidos também caracterizam a denegação de toda essa rica experiência vivida no Novo Mundo e da consequente criação da América. Assumindo nossa *Amefricanidade*, podemos ultrapassar uma visão idealizada, imaginária ou mitificada da África e, ao mesmo tempo, voltar o nosso olhar para a realidade em que vivem todos os *amefricanos* do continente.

Ao propor o conceito de *Amefricanidade*, Lélia Gonzalez oferece uma contribuição ao ensino de História dos africanos e dos afrodescentes no Brasil, pois destaca o seguinte processo cultural:

- (A) reconfiguração identitária.
- (B) reorganização territorial.
- (C) reprodução étnica.
- (D) relativização racial.

QUESTÃO 17

O que significa falar da história das mulheres no ensino de História? Significa combater uma pseudo-neutralidade histórica, denunciando as colonialidades de gênero presentes em concepções que omitem, naturalizam e hierarquizam as relações de poder entre um “homem universal” (viril, branco, cisgênero, heterossexual, público, violento, racional) e uma “mulher universal” (submissa, dócil, branca, cisgênera, hétero, privada e sentimental).

Essa narrativa eurocentrada atravessa as explicações de uma história linear e repleta de vazios, invisibilizando outras experiências de “ser mulher”, em diferentes situações históricas.

Adaptado de: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; SABEH, Luiz Antonio. Por que falar de história das mulheres no ensino de História? In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; SABEH, Luiz Antonio (org.). História das mulheres e ensino de História: reflexões e propostas. Teresina: Cancioneiro, 2022.

A crítica presente no texto aponta para uma outra abordagem no tratamento da história das mulheres. Essa abordagem valoriza o seguinte aspecto:

- (A) pluralidade de vivências.
- (B) heroificação de personagens.
- (C) consolidação de interpretações.
- (D) compartilhamento de trajetórias.

QUESTÃO 18**O VALOR DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIAS**

Como professora, percebo que alunos de grupos marginalizados têm aula dentro de instituições onde suas vozes não têm sido nem ouvidas nem acolhidas, quer eles discutam fatos – aqueles que todos nós podemos conhecer – quer discutam experiências pessoais. Minha pedagogia foi moldada como resposta a essa realidade. Se não quero que esses alunos usem a ‘autoridade da experiência’ como meio de afirmar a sua voz, posso contornar essa possibilidade levando à sala de aula estratégias pedagógicas que afirmem a presença deles, seu direito de falar de múltiplas maneiras sobre diversos tópicos. Essa estratégia pedagógica se baseia no pressuposto de que todos nós levamos à sala de aula um conhecimento que vem da experiência e de que esse conhecimento pode, de fato, melhorar nossa experiência de aprendizado. O ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e a unicidade de cada voz. Esse exercício ressalta a experiência sem privilegiar as vozes dos alunos de um grupo qualquer. Visto que esse exercício transforma a sala de aula num espaço onde a experiência é valorizada, não negada nem considerada sem significado, os alunos parecem menos tendentes a fazer do relato de experiência um lugar onde competem pela voz, se é que de fato essa competição está acontecendo.

Adaptado de: bell hooks. *Ensinando a transgredir*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

bell hooks, grafado com letras minúsculas, é o nome adotado pela professora e ativista Gloria Jean Watkins para assinar seus trabalhos.

No texto, hooks destaca o potencial dos relatos de experiências em sala da aula. Essa metodologia de ensino se relaciona com dois princípios do ensino de História na atualidade, sendo eles:

- (A) reconhecimento das assimetrias sociais e aceitação da diferença.
- (B) validação da memória comunitária e perpetuação de identidades.
- (C) sustentação da essencialidade individual e assimilação de inovações.
- (D) entendimento da diversidade cultural e homogeneização do passado.

QUESTÃO 19**PARTIDO DO PREMIÊ DA ÍNDIA ALTERA LIVROS DIDÁTICOS PARA REMOVER PARTE DA HISTÓRIA**

No início do novo ano letivo na Índia, alunos de milhares de salas de aula receberam novos livros didáticos de história nos quais detalhes importantes do passado nacional foram diluídos ou extirpados. São informações que o partido governista do primeiro-ministro Narendra Modi considera que não convêm à sua visão nacionalista hindu para o país.

Os trechos cortados dos textos didáticos abrangem, entre outros tópicos, a busca de Gandhi pela união entre hindus e muçulmanos e como isso provocou extremistas hindus a ponto de tentarem assassiná-lo; o repúdio do qual ele era alvo, principalmente entre os que queriam que a Índia fosse um país só de hindus; e o perigo envolvido na instrumentalização de sentimentos religiosos para propósitos políticos, que representa uma ameaça à política democrática.

Adaptado de: folha.uol.com.br. Acesso em: 17/08/2023.

Na alteração dos livros didáticos, há um determinado uso político do passado cujo objetivo é:

- (A) adotar versões imparciais.
- (B) valorizar verdades factuais.
- (C) propagar perspectivas plurais.
- (D) legitimar narrativas ideológicas.

QUESTÃO 20**"EXISTE UM OLHAR NOVO EM RELAÇÃO AOS POVOS INDÍGENAS" DIZ TXAI SURUÍ**

Em 2021, a estudante de Direito atraiu os holofotes do mundo inteiro ao discursar na abertura da 26ª Conferência da ONU sobre o Clima em Glasgow. Hoje, aos 26 anos, é uma das vozes mais potentes na defesa dos povos indígenas do Brasil.

“Na época em que meu avô Marimop Suruí era o chefe maior do povo Paiter Suruí, as armas que eles tinham para defender seu território eram o arco e a flecha. Hoje temos os drones, os satélites do Google, as câmeras de vídeo, os celulares e as redes sociais para denunciar as invasões às nossas terras na Amazônia”, conta a ativista indígena Txai Suruí.

Adaptado de: oglobo.globo.com. Acesso em: 18/08/2023.

O comentário de Txai Suruí contribui para a formação de um novo olhar sobre os povos indígenas, na medida em que critica a seguinte característica, usualmente atribuída a eles:

- (A) inferioridade bélica.
- (B) estereótipo rudimentar.
- (C) superioridade tecnológica.
- (D) preservacionismo ambiental.

PROVA DISCURSIVA

No dia 18 de junho de 2023, a ONU marca o segundo Dia Internacional de Combate ao Discurso de Ódio, alertando para as consequências devastadoras da amplificação do discurso de ódio. Esse tipo de discurso se tornou um dos métodos mais frequentes para difundir mentiras e desinformação, online e offline, ameaçando a paz, o entendimento e o diálogo entre as pessoas e nações, e o progresso rumo ao desenvolvimento sustentável. “O mundo deve enfrentar os graves danos globais causados pela proliferação do ódio e das mentiras no espaço digital”, alerta o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres.

Adaptado de: brasil.un.org. Acesso em: 17/08/2023.

A partir dos alertas da ONU, escolha uma das temáticas apresentadas a seguir e desenvolva uma proposição de aula de História que promova o enfrentamento ao discurso de ódio.

TEMA 1

NAZISMO E NEONAZISMO NAS ESCOLAS

Um terço dos ataques a escolas registrados no país desde 2019 teve referências nazistas, segundo levantamento do UOL. A reportagem usou dados de estudo da Unicamp sobre esses casos, de fontes nas forças de segurança, das investigações e das redes sociais. Ao comentar o crescimento da participação de jovens em grupos nazistas, a professora da Unicamp Telma Vinha ressalta a dificuldade de discutir o tema dentro da escola: “Vimos o fortalecimento de movimentos como Escola sem partido, uma censura e pressão para que professores não falem sobre determinados assuntos. O discurso de ódio passou a ser compreendido como um tema partidário e muitos desses temas ficaram fora da escola. Você tem jovens com discurso de ódio, mas não se pode falar sobre isso [na sala de aula].”

Adaptado de: noticias.uol.com.br. Acesso em: 17/08/2023.

TEMA 2

AUTORITARISMO E DEMOCRACIA NO BRASIL

O pesquisador Fernando Perlatto relembra que o Brasil sempre teve sua história marcada pelo autoritarismo. “As pessoas se esquecem que também tivemos uma ditadura anterior ao período de 1964 a 1985. Se somarmos com o tempo da ditadura do Estado Novo, que ocorreu de 1937 a 1945, podemos dizer que o país viveu três décadas de regimes abertamente autoritários e ditatoriais. Desta forma, é importante destacar que ainda existem legados desses autoritarismos nas atuais instituições, para assim compreender as particularidades do país”, comenta o professor.

O professor Odilon Caldeira explica que, se as características antidemocráticas poderiam ser consideradas como latentes em um momento anterior, atualmente elas estão escancaradas de maneira sistemática nos ataques às instituições democráticas. “É importante lembrar que a democracia não existe apenas nas instituições, ela existe em torno de uma cultura democrática. Ao analisar a questão das propostas antidemocráticas e neofascistas, a discussão deve levar em consideração a forma como não se discutiu efetivamente na sociedade brasileira os legados e as persistências autoritárias, mesmo no momento da criação e da consolidação da Nova República.”

Adaptado de: 2.ufjf.br. Acesso em: 14/08/2023.

Para a proposição da aula, os seguintes elementos devem ser apresentados nos espaços especificados na Folha de Resposta:

- temática escolhida;
- ano de escolaridade;
- título da aula;
- problematização da temática (5 a 8 linhas);
- objetivos (5 a 7 linhas);
- procedimentos e recursos didáticos a serem utilizados (2 a 5 linhas);
- desenvolvimento dos conceitos e conteúdos a partir da problematização (10 a 25 linhas);
- atividade de avaliação de aprendizagem (3 a 5 linhas).

Não serão corrigidas proposições de aula que:

- estiverem organizadas em tópicos;
- forem escritas de forma esquemática;
- não atendam aos limites mínimos e máximos de linhas;
- contenham qualquer tipo de identificação.

Sua proposição de aula deverá ser redigida de acordo com a norma-padrão da língua.

